



10

HEBREUS & APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle



10

HEBREUS A APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

1. [PEDRO](#)
2. [SAUDAÇÃO](#)
3. [A GRAÇA E O CONHECIMENTO DE DEUS](#)
4. [GRAÇA E CONHECIMENTO EM RISCO EM VIRTUDE DOS FALSOS MESTRES 2 Pedro 2.1-22](#)
5. [A PROMESSA DA VINDA DE CRISTO](#)

B

Comentário Bíblico

EACON

À Segunda Epístola de

PEDRO

Eldon R. Fuhrman

Introdução

A. Autoria

Embora tenha havido intensa controvérsia em relação à autoria dessa epístola, não pode haver dúvida de que o autor se identifica repetidas vezes e de modo explícito como Pedro. A falta de comprovação histórica primitiva quanto à autenticidade da epístola é mais do que compensada por uma abundância de evidências internas. O autor identifica-se como Simão Pedro (1.1). Ele afirma que o Senhor tinha lhe mostrado a iminência e a forma da sua própria morte (1.14). Ele

alega ter sido testemunha ocular da Transfiguração (1.16,17) e fala da voz celestial ouvida enquanto estava com Cristo “no monte santo” (1.18). Menciona ter escrito uma outra epístola às mesmas pessoas (3.1) e fala do seu “amado irmão Paulo” como se estivesse intimamente familiarizado com ele e seus escritos (3.15,16). Visto que essas alusões autobiográficas estão de acordo com outras fontes ou informações bíblicas a respeito de Pedro, temos fortes razões para acreditar que ele é o autor da epístola.

Muito se tem argumentado acerca do fato de a segunda epístola apresentar um grego inferior em relação à primeira epístola. Mas isso pode ser devido ao fato de Pedro ter Silas como secretário na primeira carta (1 Pe 5.12), enquanto ele mesmo escreveu a segunda carta na prisão.

A única possibilidade de esta epístola não ser da autoria de Pedro seria a de uma falsificação deliberada. No entanto, como H. C. Thiessen destacou em certa oportunidade: “Se 2 Pedro é uma falsificação, então temos aqui uma falsificação sem propósito, sem as marcas comuns de falsificação e sem qualquer semelhança com falsificações incontestáveis”.¹ Visto que não há evidências históricas conclusivas contra a autoria de Pedro, uma vez que as alternativas levantam mais dúvidas e perguntas do que soluções, e visto que a seriedade cristã, o tom apostólico e as alusões autobiográficas harmonizam com outras fontes de informação acerca de Pedro, ele é aqui aceito sem reservas como o autor dessa carta.

B. Ocasão

O autor da segunda epístola de Pedro afirma que essa carta está associada a uma anterior, enviada aos mesmos leitores (3.1). Isso significa que ela foi dirigida aos cristãos judeus e gentios ao norte da Ásia Menor; isto é: “aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (1 Pe 1.1; veja mapa 1). Esses são os que “alcançaram fé igualmente preciosa” com Pedro e os outros apóstolos.

No intervalo entre as duas cartas, ocorreu uma mudança de circunstâncias entre essas pessoas. Ao passo que a primeira carta havia sido escrita para prepará-los para o sofrimento, talvez pelas mãos de um governo hostil (1.7; 2.12-15; 3.14-17; 4.3,4, 12-16; 5.8-10), a segunda carta adverte contra o surgimento de falsos mestres (2.1-3,10-15,19-22; 3.3-7,15-17). Esses falsos mestres são semelhantes aos falsos profetas que se levantaram no meio do povo do Antigo Testamento, cujos ensinamentos são caracterizados por fraude, arrogância, ridicularização, desprezo e mundanismo. Pedro profetiza uma condenação antecipada para essas pessoas, bem como para todos que sucumbem diante da sua influência perniciososa. Deve-se notar que esses falsos mestres realizaram seus maiores esforços e ataques no meio de novos convertidos a Cristo, que ainda não haviam alcançado maturidade e estabilidade suficiente para precaver-se contra suas seduções e engodos (2.18-20). A essas pessoas Pedro dirige uma palavra encorajadora para perseverarem na fé (1.12; 3.1-4,17,18) e uma palavra de advertência de julgamento e condenação caso voltassem às suas antigas concupiscências (1.9; 2.20-22). Essas condições, além da expectativa da sua morte iminente (1.13-15) e o retorno de Cristo (3.3-13), faz com que o autor expresse um forte sentimento de urgência aos seus leitores.

Pedro não diz onde estava quando escreveu essa carta, mas pelo menos uma parte dos detalhes relevantes dessa carta sugerem a cidade de Roma. Ele estava esperando sua morte para breve (1.14). A tradição às vezes afirma que Pedro e Paulo podem ter trabalhado juntos em Roma antes de se tornarem mártires durante o governo de Nero.² A favor desse

ponto de vista também existe uma certa evidência interna (3.1,15).

C. Data

A data da composição está ligada à questão da autoria de Pedro, que é aqui aceita como autêntica. Segue-se então que, se Pedro escreveu essa epístola, ele o fez depois de escrever 1 Pedro (2 Pe 3.1), depois que Paulo havia se tornado bem conhecido entre os cristãos daqueles dias (3.15,16), na véspera de uma deflagração de ensinamentos heréticos (2.1-3) e pouco antes da morte de Pedro (1.14,15). Como resultado dessas evidências internas, a data da escrita geralmente é colocada entre 65 a 67 d.C. A afirmação abaixo feita por Merrill C. Tenney é o consenso de um bom número de estudiosos renomados do Novo Testamento:

Foi a última obra [de Pedro], enviada pouco antes da sua morte para as igrejas com as quais ele havia se comunicado na sua primeira epístola. A ameaça de perseguição parece ter passado, porque o sofrimento dos cristãos não é mencionado aqui. Talvez, se a epístola foi despachada de Roma em torno de 65 a 67 d.C., Pedro tenha percebido que a inquietação que originariamente ameaçava afetar as províncias mostrou ser local quanto à sua extensão: novos problemas haviam aparecido que demandavam atenção; o perigo para as suas igrejas agora era mais interno do que externo.³

D. Características Distintas de 2 Pedro

Um aspecto característico dessa carta é o número de palavras repetidas no vocabulário de Pedro. Há dez referências a *justo e justa* (1.1,13; 2.5, 8 duas vezes, 9,15 duas vezes, 21; 3.13) e dezessete referências a *conhecimento e ciência* (1.2,3, 5,6,8,12,14,16, 20; 2.9, 20, 21 duas vezes; 3.3,16,17,18). Dezesesseis referências são feitas a Jesus Cristo como Salvador, Senhor e Mestre (1.1, 2, 8,11,14,16; 2.1,9,11, 20; 3.2, 8, 9,10,15,18) e cinco referências à piedade (1.3,6,7; 2.9; 3.11) em contraste com a impiedade (2.5,6; 3.7).

Os cinco convites a serem lembrados (1.12,13,15; 3.1,2) apontam para o ensino de Pedro segundo o qual, acrescentado ao conhecimento de Jesus Cristo como Salvador e Senhor, precisa haver constantes lembretes no sentido de avançar em uma vida de justiça e piedade, para que os cristãos não voltem à impiedade. Esse aspecto é bem resumido nos dois últimos versículos da carta: “Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados e descaiais da vossa firmeza; antes, cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (3.17,18).

Um outro aspecto característico dessa carta é a forte ênfase na transfiguração de Cristo como uma confirmação da mensagem profética e apostólica (1.16-18). Pedro considera a Encarnação como o epítome do significado da pessoa e obra de Cristo. O Senhor é a Figura central da profecia (1.19-21), o Exemplo e Programa da verdade. Por isso não é surpresa que antes de lançar-se a uma exposição dos falsos mestres, Pedro lembra seus leitores da sua presença no monte da Transfiguração. Como resultado disso, ele não hesitou em denunciar como heresia perniciosa as inverdades que certamente destruiriam a piedade e a pureza cristã (2.1-2,11,13-14,18-19).

O leitor perspicaz também fica impressionado com a importância que a história do Antigo Testamento recebe na sua carta. A queda de anjos (2.4), o dilúvio (2.5; 3.5-7), a destruição de Sodoma e Gomorra (2.6) e a libertação de Ló (2.7) são citados em uma sucessão rápida como prova de que os atos de Deus no passado firmam a certeza da profecia para o futuro. Pedro está muito seguro de que a profecia é a história do futuro, quer ele esteja falando acerca de falsos profetas prenunciando falsos mestres, quer de julgamentos locais prenunciando o julgamento final, quer de escarnecedores do passado prenunciando os escarnecedores do presente e do futuro.

O aspecto apocalíptico, também presente na sua primeira carta, é uma marca distinta da segunda epístola. Em contraste com a teoria de que toda história se move a passos largos, constantes e ininterruptos, Pedro insiste que o dilúvio, que ocorreu de forma súbita e catastrófica, não era nada menos do que uma intervenção apavorante do julgamento divino. Ele também escreve que Deus vai intervir mais uma vez em julgamento, só que dessa vez por meio de um holocausto feroz. Pedro insiste que seus leitores estejam alertas para um julgamento tão desagradável e iminente, para que não sejam apanhados de surpresa (3.11).

Finalmente, é um aspecto singular dessa carta o reconhecimento dos escritos de um colega apóstolo como tendo *status* de Escrituras. Embora o “amado irmão Paulo” tivesse escrito “pontos difíceis de entender que os indoutos e inconstantes torcem [...] para sua própria perdição”, no entanto, ele é um intérprete válido da “longanimidade de nosso Senhor”, segundo “a sabedoria que lhe foi dada”. Assim, Pedro coloca os escritos de Paulo junto com “as outras Escrituras” e dessa forma concede a eles um lugar no cânon, um reconhecimento certamente merecido.

E. Ênfase Teológica

Ao estar em harmonia com o ensinamento geral das Escrituras, Pedro insiste que a justiça de Deus é a base para obter a “fê [...] preciosa” comum a todos “pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor” (1.1,2). Semelhantemente, Pedro confirma a depravação do homem caído, descrevendo-a como a “corrupção, que, pela concupiscência, há no mundo” (1.4). A libertação dos efeitos da Queda vem pelo conhecimento de Deus e pela participação na natureza divina por meio da fê (1.4,5). Essa libertação é preservada por uma aplicação ativa do princípio da fê para a promoção e ampliação da vida cristã (1.5-11).

No segundo capítulo, Pedro reitera um ensinamento encontrado com frequência nas Escrituras, i.e., a condenação certa e final de todos que procedem de uma maneira impiedosa (2.4-9). Isso é verdade, embora alguns possam ter desfrutado de uma breve libertação das “corrupções do mundo” antes de serem enredados e dominados outra vez (2.18-22). Semelhantemente, a ênfase acerca do retorno do Senhor com julgamento, conforme ensinado por Pedro em 3.10-13, é uma questão que está de acordo com o restante das Escrituras.

Ao mesmo tempo, no entanto, Pedro contribui com alguns ensinamentos teológicos que não são apresentados em nenhum outro lugar das Escrituras com a mesma clareza. Sua declaração de que “a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (1.21) é uma das passagens mais conclusivas acerca da inspiração no Novo Testamento. Em termos inequívocos, Pedro declara que a profecia do Antigo Testamento não é obra ou palavra de homens, mas Palavra de Deus e deve ser aceita como “uma luz

que alumia em lugar escuro” (1.19).

Além disso, o ensinamento escatológico de Pedro responde à questão perplexa da aparente demora da volta do Senhor. Aqueles que podiam estar desapontados com o fato de o Senhor não ter retornado na época deles, e aos escamecedores que não podiam conceber nenhuma interrupção no processo natural da natureza, Pedro responde ressaltando que Deus havia quebrado os processos uniformes do passado pelo dilúvio e agiria de novo por meio do fogo. A demora do retorno de Cristo não era devido a uma profecia falsa, mas um sinal do desejo de Deus de dar ao homem um tempo maior para que pudesse se arrepender (3.8,9). Todavia, o controle divino do fim dos tempos é tão certo quanto a operação divina no princípio.

Embora possa haver algumas alusões em relação à experiência da santidade cristã (1.3,4), a ênfase principal está na sua expressão (3.11-14) e expansão (1.5-11). Pedro também ficou indignado com os falsos mestres cuja estratégia era explorar coisas sagradas para os seus próprios propósitos maus (2.10-18). Talvez a falta de estabilidade espiritual dos “engodados” (2.14,18-22) tenha ocorrido em parte por causa da falta de uma completa santificação interior, mas Pedro não diz isso de forma explícita. Em vez disso, ele atribui a extrema suscetibilidade deles às influências enganosas dos falsos mestres e ao fato de serem relativamente novos na vida cristã (2.14,18, 20-22). Essa é mais uma razão para as disciplinas espirituais ordenadas (1.5-11) e sugeridas (3.17,18).

Embora as referências explícitas à santificação não sejam tão numerosas aqui quanto em outras partes do Novo Testamento, Pedro procura deixar clara a importância de ver o cristianismo como uma religião santa. O conhecimento de Deus tem um efeito santo sobre o homem (1.4). A busca firme e constante da disciplina cristã intensifica o conhecimento de coisas santas (1.8-11). A majestade e a glória de Jesus Cristo foram manifestadas no “monte santo” da Transfiguração (1.18). O Espírito Santo inspirava homens santos a anunciar as profecias do Antigo Testamento (1.20,21). Mestres heréticos desviaram alguns recém-convertidos ao cristianismo da caminhada santa (2.21), provocando o julgamento e a ira de um Deus santo (2.9,10). Profetas e apóstolos santos advertiram acerca de escamecedores (3.2,3) e da importância de viver uma vida de “santo trato e piedade” necessária para a vinda do Senhor (3.11,12). Assim, Pedro nos admoesta a estarmos alicerçados no Senhor e sermos “achados imaculados e irrepreensíveis em paz” (3.14) — marcas de uma vida santa em qualquer era.

Esboço

I. Saudação, 1.1,2

- A. O Remetente, 1.1a
- B. Os Destinatários, 1.16
- C. O Reconhecimento, 1.2

II. A Graça e o Conhecimento de Deus, 1.3-21

A. Exortação ao Crescimento Cristão, 1.3-11

B. Um Chamado à Lembrança, 1.12-15

C. A Verdade da Palavra Profética, 1.16-21

III. Graça e Conhecimento em Risco em virtude dos Falsos Mestres, 2.1-22

A. Os Falsos Mestres Prenunciados, 2.1-3

B. Os Falsos Mestres Destinados ao Castigo, 2.4-10a

C. Os Falsos Mestres Caracterizados, 2.10b-16

D. Os Falsos Mestres e suas Vítimas, 2.17-22

IV. A Promessa da Vinda de Cristo, 3.1-18

A. A Negação da Vinda do Senhor, 3.1-7

B. A Demora da Vinda do Senhor, 3.8-10

C. As Exigências da Vinda do Senhor, 3.11-13

D. A Diligência Necessária para a Vinda do Senhor, 3.14-16

E. Resumo Final e Exortação, 3.17,18

Seção I

- [SAUDAÇÃO](#)
- [A GRAÇA E O CONHECIMENTO DE DEUS](#)
- [GRAÇA E CONHECIMENTO EM RISCO EM VIRTUDE DOS FALSOS MESTRES 2 Pedro 2.1-22](#)
- [A PROMESSA DA VINDA DE CRISTO](#)

SAUDAÇÃO

2 Pedro 1.1-2

A. O Remetente, 1.1a

O autor apresenta-se como **Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo**.

Pedro é conhecido no Novo Testamento por quatro nomes: Pedro (Mt 16.18), Simeão (At 15.14, cf. KJV), Simão (Jo 1.41) e Cefas (Jo 1.42). **Simão** é a forma grega do nome próprio hebraico, Simeão, e era o nome pelo qual Pedro era conhecido pelos seus amigos no dia-a-dia. Cefas é o sinônimo aramaico do grego *Petros*, que é traduzido para o português por **Pedro**, e significa pedra ou rocha.⁴

A palavra **servo** (*doulos*) literalmente significa alguém que estava completamente sujeito a outro. Paulo usa a mesma palavra para si mesmo em Romanos 1.1 e Tito 1.1.⁵ Como **apóstolo**, Pedro ressaltou o fato de que tinha sido enviado por **Jesus Cristo** e, portanto, falava com uma autoridade especial.⁶

B. Os Destinatários, 1.1b

Pedro dirigiu-se aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa, que é

traduzido na NVI da seguinte forma: “àqueles que [...] receberam conosco uma fé igualmente valiosa”. A palavra grega (*isotimos*) é um adjetivo composto (*isos*, igual; *time*, honra, preço) e é usado somente aqui no Novo Testamento.⁷ Dessa forma, a fé que essas pessoas obtiveram é a mesma em honra e privilégio que a fé que Pedro ou qualquer dos apóstolos tinha. Pedro refere-se àqueles que no passado eram gentios mas que hoje têm uma fé semelhante à dos judeus, porque tanto gentios como judeus são salvos **pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo**; isto é, por meio da fé em Jesus Cristo, que é verdadeiramente justo (1 Jo 1.9). O Deus justo e Jesus Cristo são a mesma pessoa, como Paulo expressa em Tito 2.13: “Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”.

E evidente então que, considerando que a primeira epístola foi dirigida àqueles da Diáspora (1 Pe 1.1), essa carta seja mais geral, tendo em mente especialmente aqueles que no passado haviam sido desprezados, mas que agora possuíam a cidadania do Reino de Deus. Pedro aprendeu a lição relacionada aos privilégios iguais dos gentios e judeus e, apesar de um breve intervalo (G12.11-14), esse era o seu ensinamento (At 11—15).

C. O Reconhecimento, 1.2

Pedro não só aceita esses gentios como cristãos, mas também reconhece que a **graça e a paz** foram dados a eles, e ora para que essas dádivas lhes **sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor**. Assim, Pedro deseja que esse estado benéfico possa crescer e explica como isso pode ocorrer. **Graça e paz** aumentam à medida que

crecemos em nosso **conhecimento de Deus**, porque a experiência cristã nunca é estática.

A palavra para **conhecimento** no grego é *gnosis*, mas Pedro acrescenta o prefixo *e**pi*, que significa “adicional, completo, certo, claro e pessoal”.⁸ Wesley refere-se a esse conhecimento como “o divino e experimental conhecimento de Deus e de Cristo”.⁹ Pedro está ensinando aqui que o cristianismo significa nada menos do que um conhecimento rico e crescente de Deus por causa do nosso relacionamento com Jesus Cristo. Esse conhecimento não é uma mera especulação abstrata, porque se refere a uma Pessoa viva. Encontramos aqui uma característica distinta dessa epístola, e, como foi mencionado na Introdução, é uma questão de ênfase repetida. A admoestação “cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” é a palavra final de Pedro (3.18). A ênfase do apóstolo na graça e conhecimento de Deus está presente em toda parte, quer por implicação, quer por referência explícita, em cada seção do corpo dessa epístola.

Seção II

A GRAÇA E O CONHECIMENTO DE DEUS

2 Pedro 1.3-21

A. Exortação ao Crescimento Cristão, 1.3-11

A oração pela multiplicação da graça e da paz por meio do conhecimento de Deus e de Cristo (v. 2) será agora tratada por Pedro de uma forma sistemática. Na ordem lógica, ele observa os recursos divinos, os passos envolvidos no crescimento, os benefícios, um chamado à lembrança e a garantia de que o crescimento no conhecimento de Deus é crescimento em verdade.

1. *Uma Recapitulação dos Recursos Divinos* (1.3,4)

O apóstolo faz uma afirmação extraordinária em relação a Cristo. O **seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade** (3). Pedro tinha visto o poder de Cristo acalmar o mar revolto e experimentado como esse poder o havia capacitado a caminhar sobre as águas (Mt 14.22-29); ele havia ouvido o Cristo ressuscitado afirmar que todo poder lhe tinha sido dado no céu e na terra (Mt 28.18); ele havia recebido o poder de Cristo na sua vida pelo batismo santificador do Espírito de Pentecostes (At 1.8; 2.4); e ele sabia, com Paulo, que Cristo era o poder de Deus (1 Co 1.24). Assim, como Wesley disse: “Há uma satisfação maravilhosa na [exortação]”.¹⁰

A palavra **poder** (*dynamis*) indica uma energia constante e dinâmica habitando em Cristo por força da sua natureza como divino.¹¹

Não somente há poder em Cristo, mas é o mesmo poder que tomou acessível **tudo o que diz respeito à vida e piedade**. Seus dons são dados com o propósito de ajudar-nos a viver vidas piedosas; isto é, vidas se voltam mais e mais para Deus e as coisas santas. No entanto, esse poder é colocado à disposição da humanidade somente **pelo conhecimento daquele que nos chamou por sua glória e virtude**. Aqui se reconhece a obra mediadora de Cristo à destra do Pai (Hb 1.13).

Incluído nesse **tudo** estão **grandíssimas e preciosas promessas** (4), isto é, promessas que são supremamente grandes e de inestimável valor. Elas são tão grandes, que ao acreditar nelas podemos, na verdade, escapar da **corrupção, que, pela concupis-cência, há no mundo** e alcançar o ápice da expectativa humana, tornando-nos **participantes da natureza divina**. Esse é o significado da comunhão com Deus em Cristo pelo Espírito Santo!

A idéia principal desses dois versículos é que nessa natureza divina estão presentes energias (poderes) morais e espirituais suficientes para vencer na vida e piedade. Essas energias são expressas por meio de promessas específicas. Para que o homem tenha vida e piedade, ele deve reconhecer dentro dele essas energias que estão presentes na Divindade. Isso ocorre como resultado de um relacionamento de fé com essas promessas. Por meio da fé, recebemos conhecimento, participação e comunhão na **natureza divina** compartilhada com o homem por Deus em Cristo. Quando isso ocorre, o homem é salvo da **corrupção** — certamente um elevado privilégio — e conduzido para dentro da esfera ética à qual Pedro chama agora a nossa atenção.

2. Responsabilidade de Completar a Fé (1.5-7)

Longe de estar imóvel ou passivo, o princípio da fé, na verdade, nos lança no sofrimento do esforço ético interminável: **e vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude** (5). A NVI traduz essa passagem da seguinte maneira: “Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude”. A fé é a raiz da vida cristã; as obras são o fruto da fé; ou, para usar uma outra analogia, a fé é o fundamento sobre o qual deve ser edificado o edifício do amor. Wesley disse: “A nossa diligência é seguir o dom de Deus, e ela é acompanhada do acréscimo de todos os seus dons.”.¹²

A palavra **acrescentai** significa suprir ou adicionar. Ela vem da palavra composta *epichorigeo*, significando “ajuntar, fornecer uma coisa após a outra, para que não haja falta ou brecha” e era usada nas artes gregas com o significado de “dirigir um coro”. Assim, Pedro nos insta a acrescentar um aspecto após o outro em uma bela ordem até que o coro esteja completo e a vida cristã esteja plenamente equipada com cada virtude. E cada graça recebida ajuda a aperfeiçoar as outras graças.

Virtude significa excelência, coragem e bondade moral. Ela é o valor resultante do desempenho do dever cristão. Ela é o poder moral desenvolvido quando se permanece firme no teste.

O próximo passo ascendente é acrescentar a **ciência** (“conhecimento”, ARA) — a ciência de Deus, das coisas divinas em geral; isto é: uma sabedoria moral amadurecida que vem como resultado de um viver pela fé. **E** a isso é acrescentada a **temperança** (6), que é o autocontrole, tanto interior quanto exterior, no uso de todas as coisas lícitas.¹³ A ela é acrescentada a **paciência**, que na língua original significa persistência ou constância na fé durante provações e sofrimentos¹⁴ (Rm 5.3-5). A paciência, à medida que é desenvolvida pela fé, leva à **piedade**, que, de acordo com Cremer, significa “o reconhecimento da dependência dos deuses, a confissão da dependência humana, o tributo de reverência, que o homem confere na certeza que precisa do favor deles”.¹⁵ Assim, no uso cristão ela significa devoção, reverência, um estado de alma no qual o indivíduo procura conformar-se com a mente de Deus em todas as coisas, pelo poder do Espírito Santo. Segue-se, então, que com base na piedade provemos **o amor fraternal**, que significa “amor a um irmão na fé cristã”,¹⁶ e refere-se a 1 Pedro 1.2, 13, 22; 2.7; 3.7; 4.10. Ela também é exortada por Paulo (Rm 12.10) e João (1 Jo 4.20,21).

Todo o processo chega ao clímax quando se acrescenta ao amor fraternal a **caridade** ou o amor ágape, que não só se manifesta à comunidade cristã mas também a Deus, a toda a humanidade “e a toda a criação, animada e inanimada”.¹⁷ E o que Wesley chama de “o amor perfeito e puro de Deus e de toda a humanidade”.¹⁸

3. Os Resultados da Fé Crescente (1.8-11)

Pedro insiste que **se em nós houver e aumentarem estas coisas**, isso resultará em quatro coisas. Elas poderiam ser chamadas de: “As Bênçãos do Crescimento na Graça”: 1) Frutificação crescente — **não** seremos deixados **ociosos nem estéréis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo** (8); 2) Perspectiva sustentada, capacitando-nos a continuar a ver **ao longe** (9); 3) Perseverança segura — **porque, fazendo isto, nunca jamais** tropeçaremos (10); e 4) Promoção

prometida **no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo** (11).

Se falharmos em “acrescentar” essas coisas à nossa fé nos tornaremos fracassados espirituais. Dessa forma, tanto positiva quanto negativamente, orientações fortes são dirigidas ao cristão para **fazer cada vez mais firme** a sua **vocação e eleição** (10). O princípio da fé leva inevitavelmente ao processo da fé, e ambos são a causa da contínua perspectiva da fé da nossa promoção final ao Reino de Deus. Aqui estão os “princípios da preservação”¹⁹ claramente expressos, que nenhum cristão pode negligenciar, com o perigo de perder o bem-estar eterno da alma. Uma condição humana, **fazendo isto**, deve ser cumprida antes que a promessa divina, **nunca jamais tropeçareis**, seja cumprida.

B. Um Chamado à Lembrança, 1.12-15

Fortes motivos impeliam Pedro a alertar seus leitores à necessidade de perseverança. *a)* Ele afirma: **Não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas** (12). Embora estivessem bem **confirmados na presente verdade** (“a verdade que está presente com vocês”, NASB), a prática diligente dessa fé levaria a uma fé superior que também deve ser adotada, *b)* Ele viu o poder para o progresso contínuo no fato de despertá-los “com essas lembranças” (v. 13, ARA) para aquilo que já conheciam, *c)* À luz da sua morte iminente, ele estava preocupado em colocar esses conselhos na forma permanente da escrita para que, depois da sua morte, eles sempre tivessem **lembrança destas coisas** (15). Assim, três vezes, Pedro disse que os teria em **lembrança** (12,13,15). Segue-se então mais uma forte razão, a saber: *d)* a verdade daquilo em que se cria, de acordo com os versículos 16-21. **E tenho por justo** (13; i.e., considero conveniente). **Tabernáculo** (13,14) seria o corpo terreno de Pedro.

C. A Verdade da Palavra Profética, 1.16-21

O forte apelo para ação é seguido de uma afirmação igualmente forte de que não devemos seguir **fábulas artificialmente compostas** (16; mitos ardilosamente formados pela inteligência humana), comuns no meio gentílico, quando a **virtude** (*dynamis*) e a **vinda** (parousia) **de nosso Senhor Jesus Cristo** ficaram conhecidas. Pedro, Tiago e João foram “testemunhas oculares” (v. 16, ARA) da **sua majestade** na Transfiguração (cf. Mt 17.1-13). Esses homens eram influenciados até o final do seu ministério por essa visão. Tiago morreu como mártir por causa do seu testemunho; João disse que viram a sua glória (1 Jo 1.14); e Pedro insistiu que ouviram Deus dizer: **Este é o meu Filho amado** (17). Assim, a sua visão da majestade de Cristo e a voz de Deus afirmando a filiação de Cristo eram evidências verdadeiras que distinguiam a encarnação da segunda pessoa da Trindade das afirmações espúrias dos mitos pagãos acerca da descida dos seus deuses à terra.²⁰

A essas evidências Pedro acrescenta uma terceira: **E temos, mui firme, a palavra dos profetas** (“E temos a palavra profética ainda mais firme”, NT Amplificado). Intérpretes diferem quanto ao que Pedro queria dizer: 1) se a **palavra dos profetas** “mui firme” era uma evidência melhor do que foi vista e ouvida no monte da Transfiguração ou 2) que a cena da Transfiguração confirmava as profecias messiânicas e deixava clara a divindade de Jesus Cristo como o Filho amado de Deus. Vincent defende a primeira proposta e Robertson fica com a segunda.²¹ Strachan traduz o texto de tal forma que respeita as duas posições. “Temos ainda mais uma confirmação das palavras dos profetas, um fato que vocês fariam bem em prestar atenção, como a uma lamparina brilhando em um lugar sombrio, destinado a brilhar até o surgimento do

novo Dia, quando a estrela da manhã surge em seu coração”.²² Em ambos os casos, o efeito de rede é o mesmo. A palavra profética é atestada como verdadeira pela transfiguração do Filho, na qual o poder de Cristo para triunfar sobre o pecado e morte é declarado e sua vinda é pré-visualizada. Assim, a palavra profética, com sua referência central ao Messias da promessa, é **uma luz que alumia em lugar escuro**. Era assim, antes, durante e depois da primeira vinda de Cristo; e será assim **até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração (19)**.

Mas Pedro acrescenta uma razão final em assegurar a verdade da palavra profética — sua origem divina. **Sabendo primeiramente isto** — isto é, reconhecendo essa verdade acima de qualquer outra coisa — **que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação** — procede do próprio conhecimento ou invenção do profeta ou era fruto de cálculo ou conjectura.²³ Isso parece uma referência aos métodos usados por alguns falsos mestres para desacreditar o Antigo Testamento como uma obra meramente humana. Como Robertson ressalta: é a compreensão que o profeta tem da profecia, não a dos leitores, que é apresentada aqui, porque “nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação”.²⁴ Com isso não se está dizendo que o crente comum não pode interpretar a Bíblia sem a ajuda dos mestres da Palavra. Antes, isso quer dizer, visto que as Escrituras foram reveladas pela inspiração do Espírito Santo (v. 21), que ela deve ser interpretada com o auxílio do Espírito Santo. Esta é a resposta de Pedro àqueles que interpretaram as Escrituras para o seu próprio benefício.²⁸ A iluminação divina é a conclusão necessária da inspiração divina. Caso contrário, a discriminação particular domina e o inimigo de todos os erros, as Sagradas Escrituras, é usada na defesa do erro.

O motivo da afirmação no versículo 20 é encontrado no versículo 21. **Porque igrar) a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum**. Isto é, a verdadeira profecia não é de origem particular nem o resultado do impulso humano. Se os versículos anteriores negam ao homem o direito final de interpretar as Escrituras de acordo com sua própria inteligência orgulhosa ou preconceito pecaminoso, o versículo atual nega que a presença das Escrituras em nosso meio tenha origem humana. **Mas** (i.e., em contraste com a idéia errada acerca da origem das Escrituras) **os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo (21)**. As Escrituras tomaram forma porque “homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (NVI). (Os melhores textos omitem **santos** e trazem “da parte de Deus”. Assim, é correto dizer que “homens impelidos pelo Espírito falaram da parte de Deus”).

A palavra para **inspirados** (*pheromenoi*, a forma do presente participio passivo de *phero*) significa “impelido, levado ou movido”.²⁶ Assim, a iniciativa divina em produzir as Escrituras foi realizada pela influência determinante e constrangedora do Espírito Santo em agentes humanos seletos. Essa é uma forte evidência da plena inspiração das Sagradas Escrituras e sua integridade perfeita. Homens falaram porque o Espírito impeliu e não o contrário. Uma influência sobrenatural esteve sobre homens divinamente escolhidos. Portanto, aquilo que eles revelaram oralmente e, depois, por escrito, era inteiramente fidedigno e peremptório.²⁷

No entanto, não se pode negligenciar que a palavra grega para **homens** (*anthropoi*) aparece no final da frase grega. Isso lhe confere uma posição de ênfase e coloca o agente humano em proeminência. Era o Espírito Santo que “inspirava” ou “movia”, mas eram **homens** que falavam. Isso dá às Escrituras uma conexão com o ser humano e confere a este uma relevância que não poderia ter sido assim se não fosse por intermédio da agência humana. Por isso, Paulo pôde dizer que

“toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa [...] para que o homem de Deus seja perfeito” (2 Tm 3.16,17). Esses escritos inspirados, confirmados pelo Cristo encarnado e transfigurado, deram a Pedro, e a nós a garantia necessária de que o cristianismo é uma religião divinamente revelada, que ele é confiável e fidedigno e que sua autenticidade pode ser aceita com toda confiança no poder de uma fé operante.

Vemos nos versículos 19-21 “A Infalível Palavra de Profecia”: 1) Ela tem o poder para iluminar (v. 19); 2) Ela não deve ser interpretada de acordo com pontos de vista e opiniões particulares (v. 20); 3) Ela não se originou por impulsos humanos, mas pela obra inspiradora do Espírito Santo (v. 21).

Seção III

GRAÇA E CONHECIMENTO EM RISCO EM VIRTUDE DOS FALSOS MESTRES 2 Pedro 2.1-22

A. Os Falsos Mestres Prenunciados, 2.1-3

Tendo mostrado o uso errado da “profecia da Escritura” (1.20), Pedro prossegue na sua exposição do perigo dos **falsos profetas**. Semelhantemente aos **falsos** (pseudo) **profetas** dos tempos do Antigo Testamento (Dt 13.1-5; Is 28.7; Jr 6.13,14; Ez 13.9,10; Mq 3.11), essas pessoas **introduzirão** (na Igreja) **encobertamente** (de modo secreto, semelhantemente a um traidor no acampamento) **heresias de perdição** — isto é, “heresias marcadas para a destruição”.²⁸ Por meio dessas heresias, os **falsos doutores** estão “negando o próprio senhor que os comprou, trazendo destruição sobre suas cabeças” (NEB).

Vincent nota que a palavra **heresias** no grego significa uma escolha. Assim, “uma heresia é, estritamente, a escolha de uma opinião contrária àquela geralmente acolhida; por essa razão, transferida ao corpo daqueles que professam suas opiniões e, portanto, formam *uma seita*”.²⁹ A natureza desses movimentos sectários é propagar ensinamentos heréticos, levar, como ave de rapina, membros de congregações existentes e criar divisões, causando grande estrago na obra de Cristo no mundo quando “convertem em dissolução a graça de Deus” (Jd 4). Não é de admirar, então, que o ensinamento herético tem sido um instrumento primordial de Satanás para lançar sementes de discórdia e sufocar o progresso da evangelização mundial (Mt 13.24-30). Também não é de admirar que os apóstolos denunciaram a heresia de forma veemente, porque o ensinamento herético é geralmente o inimigo traiçoeiro da santidade e da justiça! Essa heresia é perigosa porque a santificação do espírito humano ocorre pela crença na verdade divina (2 Ts 2.13). Portanto, crer numa mentira, embora inocentemente propagada, é atrair sobre si possível condenação (2 Ts 2.9-12). A forte afinidade entre heresia e moralidade depravada, de acordo com esse capítulo, ilustra o estímulo recíproco que um dá ao outro — ambas agindo como causa e efeito. O critério para detectar a heresia no ensinamento cristão é reconhecer se ela nega o senhorio de Jesus Cristo. Esse ensinamento pode ser uma rejeição deliberada ou involuntária da verdade revelada, aceitando posições contraditórias em seu lugar.

O fato de que **muitos seguirão as suas dissoluções** (2; “práticas libertinas”, ARA) é evidência de que o coração do homem, à parte da graça divina, é muito propenso à corrupção e ao erro. Por causa dessas pessoas enganadas, **será blasfemado o caminho da verdade**. O perigo está sempre presente por causa do esforço desses falsos mestres de fazerem **negócio**, aproveitando-se do povo de Deus **com palavras fingidas** (falsas). A **avareza** (3; obsessão insaciável) dos líderes heréticos tem sido interpretada por alguns como o desejo por ganhos financeiros e por outros aspectos como a ânsia em ganhar seguidores. Em ambos os casos, a motivação é egocêntrica em vez de “cristocêntrica”. Pedro adverte tanto a líderes quanto a seguidores que sobre tais **já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição** (destruição) **não dormita**. A NVI traduz esse texto da seguinte maneira: “Há muito tempo a sua condenação paira sobre eles, e a sua destruição não tarda”.

B. Os Falsos Mestres Destinados ao Castigo, 2.4-10a

O fim dos falsos mestres, em termos de “juízo” e “perdição” (v. 3), é uma declaração em forma profética, mas ela é

tão certa quanto a história. Pedro cita quatro exemplos, três de castigo e um de preservação, para reforçar seu argumento das coisas que estão por vir. **Se Deus não perdoou aos anjos que pecaram (4); se não perdoou ao mundo antigo, mas guardou a Noé (5); se condenou à subversão as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza (6); e se livrou o justo Ló (7), então sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos e reservar os injustos para o Dia de Juízo, para serem castigados (9).** A forma de julgamento pode ser lançar **no inferno** (*tartarosas*, somente aqui no NT)³⁰ e entregar **às cadeias da escuridão** (“abismos tenebrosos”, RSV), como no caso dos anjos caídos; ou por meio do **dilúvio**, como ocorreu no mundo dos dias de Noé; ou reduzir **idades [...] a cinza**, como Sodoma e Gomorra. Fica claro que o julgamento de pessoas pecaminosas é certo. A essa lista Pedro acrescenta os falsos mestres e suas vítimas, que, se não se arrependem (3.9), também perecerão no juízo (v. 3). Essa classe de pessoas é descrita como “os que seguem os desejos impuros da carne e desprezam a autoridade” (v. 10, NVI).

O julgamento de Deus não é apenas certo e severo, mas também seletivo. Alguns anjos não caíram; Noé e sua família imediata foram salvos; Ló foi salvo de Sodoma. Assim, o Senhor sabe quem deve ser condenado e quem deve ser liberto e Ele sabe como guardar cada um para o seu destino eterno. Phillips traduz o versículo 7 da seguinte forma: “Lembrem-se, Ló era um homem bom que sofria agonias espirituais dia após dia por causa das maldades que via e ouvia”.

C. Os Falsos Mestres Caracterizados, 2.10b-16

1. *Audácia* (2.106,11)

Pedro revela que os falsos mestres se caracterizam por serem **atrevidos** (10; excessivos em presunção) e **obstinados** (possuídos de uma atitude de amor próprio e auto-suficiente), que não estremece ao **blasfemar das autoridades** (“as glórias do mundo invisível”, Phillips). Em contraste, os **anjos**, que se sobressaem em **força e poder** (11), **não pronunciam contra eles** (anjos maus) **juízo blasfemo diante do Senhor** (cf. Jd 9).

2. *Animalidade* (2.12-14)

A razão da audácia dos falsos mestres é encontrada na sua animalidade. Eles são como **animais irracionais** (12), que nascem para ser capturados e destruídos como animais de rapina. Sua brutalidade é evidenciada no fato de blasfemarem **do que não entendem** (assuntos dos quais são ignorantes). Eles posam como peritos espirituais quando, na realidade, são ignorantes quanto às coisas de Deus. Ai deles, porque **perecerão na sua corrupção**. Ao destruírem, eles certamente serão destruídos; ao serem injustos, eles receberão o salário da iniquidade (v. 13). Mas Pedro ainda não terminou. A animalidade deles é percebida no fato de terem **prazer nos deleites cotidianos**. Esses cristãos professos são **nódoas [...] e máculas** para a comunidade cristã. A última parte do versículo 13 tem sido interpretada da seguinte maneira: “...os enganam, vivendo em pecado repugnante por um lado, enquanto pelo outro juntam-se a vocês em suas festas fraternais, como se fossem homens sinceros” (Bíblia Viva). Visto que seus **olhos são cheios de adultério** (14), eles não conseguem ver uma mulher sem ter pensamentos lascivos. Na verdade, eles estão tão profundamente emaranhados que **não cessam de pecar** (são incapazes de parar de pecar), porque, por meio da **avareza**, exercitaram o coração com desejos maldosos. Não é de admirar, então, que são **filhos de maldição** (“estão debaixo de maldição”, Phillips). Eles estão debaixo da maldição de Deus agora e são herdeiros da condenação no mundo vindouro.

3. *Avareza* (2.15,16)

Além da audácia e animalidade deles, Pedro acrescenta um terceiro pecado — a avareza. **Deixando o caminho direito** (15), amaram **o prêmio da injustiça**; “buscando o lucro caíram no erro de Balaão” (Jd 11, NVI). A comparação dos falsos mestres com Balaão é indicativa dos seus motivos (cf. Nm 22—23). Balaão sinceramente desejava o dinheiro que Balaque teria dado a ele para amaldiçoar Israel. Ele só não amaldiçoou porque **teve a repreensão da sua transgressão** (pelo) **mudo jumento** (16). Esses falsos mestres, no entanto, não tiveram esse obstáculo externo e, pela falta de remorso, estavam prontos a aceitar “o salário da injustiça” (NVI).

D. Os Falsos Mestres e suas Vítimas, 2.17-22

Dizer que os falsos mestres são como **fontes sem água** ou **nuvens levadas pela força do vento**, para aqueles a quem está reservado “o destino da escuridão das trevas” (v. 17),³¹ é falar do seu vazio desapontador. Esses mestres falam **coisas mui arrogantes de vaidades** e **engodam com as concupiscências da carne** (18) com a promessa de **liberdade**, embora **eles mesmos sejam servos da corrupção** (19). Isso mostra o seu engodo depravador. Tanto para o mestre quanto para o seguidor Pedro tem uma palavra de advertência séria. No caso daqueles que escaparam das contaminações do pecado, **pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo e forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro** (20). Para conhecer o caminho da justiça precisamos conhecer o caminho da responsabilidade. Assim, no caso daquele que conheceu a alegria da salvação, mas se desvia **do santo mandamento** (21), é como pecar contra luz mais intensa e, conseqüentemente, estar sujeito a mais castigo do que experimentaria se “não tivesse conhecido o caminho da justiça” (NVI). Ir da conversão para o desvio é como um cão que **voltou ao seu próprio vômito** (cf. Pv 26.11) ou como **a porca lavada, ao espojadouro de lama** (22). Esse é o fim daqueles que se afastam de Cristo persistentemente, depois de tê-lo conhecido

Seção IV

A PROMESSA DA VINDA DE CRISTO

2 Pedro 3.1-18

Pedro mais uma vez muda de assunto (deixando novamente os libertinos e suas vítimas) e propõe mais uma vez que seus leitores acordem para uma reflexão séria em relação às palavras faladas pelos santos profetas e pelos apóstolos do Senhor. O ânimo (a mente) do leitor era **sincero**, mas ele precisava se “lembrar”. Nenhum estado de graça deste lado do céu isenta as pessoas da necessidade de repetidas lembranças das verdades da mensagem cristã. Tudo isso torna-se tanto mais urgente à luz da iminente volta de Cristo à terra.

Nos tempos de Pedro, como hoje, havia diversas reações no que tange à mensagem do retorno de Cristo. Alguns negaram que isso iria acontecer; outros questionavam a demora; ainda outros criam nela, mas talvez falharam em dar a devida atenção à exigência de uma vida santa e zelosa. Pedro tinha uma palavra oportuna para cada um desses aspectos, insistindo que a unidade das Escrituras, com sua centralidade em Cristo, tornava possível recorrer tanto ao Antigo como ao Novo Testamento em termos de autoridade e de urgência.

A. A Negação da Vinda do Senhor, 3.1-7

Embora a negação da vinda do Senhor seja um pecado dos descrentes, o crente é afetado pela sua zombaria. Conseqüentemente, Pedro julgou ser necessário lembrar seus leitores que tanto os **santos profetas** como os **apóstolos do Senhor e Salvador** (2) tinham dito que esse evento iria ocorrer.

Uma das marcas dos **últimos dias** (3) será o aparecimento de **escarnecedores** (zombadores), homens que andam **segundo as suas próprias concupiscências**, “cujo único alvo na vida é o que querem para eles mesmos”, (Phillips). Esses homens procurarão destruir a sã doutrina por meio da zombaria. “O que houve com a promessa da sua vinda? Desde que os primeiros cristãos morreram, tudo continua exatamente como era desde o princípio da criação!” (v. 4, Phillips). Esse tipo de comentário é um exemplo do seu escárnio.³² O ponto essencial do argumento é que, se Cristo não tinha vindo no tempo deles, Ele nunca o faria.

O tratamento do problema feito por Pedro incluía uma lembrança da palavra previamente falada referente a essa zombaria por aqueles que negavam a doutrina da segunda vinda de Cristo. Ele também mostra como ele usava a Palavra de Deus ao refutar a zombaria deles. Mais cedo ou mais tarde, Jesus Cristo voltaria. Isso tinha sido especificamente prometido na sua ascensão (At 1.10,11), e a promessa está bem fundamentada em uma filosofia de história teísta e sobrenaturalista, refletida nos versículos 5-7. A argumentação de Pedro é que aqueles que negam a segunda vinda de Cristo “esquecem deliberadamente este fato: Deus destruiu o mundo com um poderoso dilúvio, muito tempo depois que Ele tinha feito os céus pela palavra da sua ordem, e tinha utilizado as águas para formar a terra e cercá-la. E Deus ordenou que a terra e os céus sejam reservados para uma grande fogueira no dia do juízo, quando todos os homens ímpios perecerão” (Bíblia Viva).

E digno de nota que a doutrina da vinda de Cristo novamente tenha se tornado um campo de batalha entre as forças

combatentes do naturalismo e da continuidade por um lado, e, por outro, aqueles que crêem no sobrenatural e na revelação. Ao tomar a posição bíblica de que a criação não significa necessariamente uma continuação interminável, Pedro foi um passo além e ressaltou que junto com a criação e a continuidade sempre houve mudanças. Este é um universo estabilizado, graças à constância e estabilidade eterna de Deus, mas ele não é estático. O universo deve sua origem e progresso à **palavra de Deus** (5), que é vital e dinâmica! Além disso, a iniciativa de Deus em criar é prova de que Ele pode intervir naquilo que criou. Isso já aconteceu na primeira vinda de Cristo na Encarnação. Assim, o único fim lógico do argumento da descrença ao negar a segunda vinda do Senhor é negar a primeira vinda também. Sua negação, então, não estava baseada em uma filosofia sólida ou uma perspectiva clara da história. Ela, na verdade, estava baseada no seu ódio em qualquer coisa sobrenatural, porque eles se ressentiam com qualquer interferência no seu andar **segundo as suas próprias concupiscências** (3). Esse é o inimigo da mente carnal contra Deus (Rm 8.5-8).

Essa resposta aos que menosprezavam a vinda de Cristo deu a Pedro a oportunidade de expor algumas verdades preciosas referentes à Palavra de Deus. Ela é sua Palavra criativa (v. 5), mas ela também é uma Palavra destrutiva, no que diz respeito à impiedade (v. 6). Ela é uma Palavra que principia (v. 5) e sustenta a criação (v. 7) e também pode detê-la (w. 6,7). Ela traz consternação aos ímpios (vv. 5,6,10) e conselho confortador aos amados (w. 1, 8, 14, 17). Ela fala do poder e da transcendência de Deus (w. 5-10) e da sua participação imanente nas atividades humanas (v. 9). Ela fala da paciência divina e da fidelidade divina. Ela relaciona o passado (v. 6) com o presente (v. 7) e com o futuro (v.

10). Ela insiste que a criação, o julgamento e a renovação no dia de ontem (w. 5-6) são provas suficientes da possibilidade de um outro ciclo no amanhã (w. 7, 10, 12-13). Ela afirma que a atividade divina (w. 5-7) é a base da responsabilidade humana (w. 9-12, 14). Ela nos assegura do triunfo da justiça (v. 13) e da verdade da santidade (w. 11,14). Não é de admirar que nosso Senhor insistiu que “nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4.4)!

B. A Demora da Vinda do Senhor, 3.8-10

“Onde está a promessa da sua vinda?” é a pergunta que os descrentes fazem. “Quando virá o Senhor?” é a pergunta dos crentes. Alguns que não *negam* estão, não obstante, perplexos com a sua *demora*.

Para a pergunta: “Por que o Senhor Retarda a sua Segunda Vinda?”, Pedro apresenta uma resposta, ressaltando quatro aspectos: 1) A demora não significa a negação da palavra de Deus, porque **o Dia do Senhor virá** (10); 2) A demora não significa a anulação (reversão) da palavra de Deus, porque o **Senhor não retarda** (não demora, não é lento)³³ o seu propósito (v. 9); 3) Ademora é uma evidência de que Deus existe eternamente — **um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia** (8); 4) A demora significa que Deus está estendendo a sua misericórdia. Ele não quer **que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se** (9).

Embora o Senhor não venha um dia *antes* do tempo definido, visto que **um dia para o Senhor é como mil anos** (8), a segunda vinda sempre é *breve*, porque para Deus, **mil anos são como um dia**. Lemos que **o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite** (10; cf. Mt 24.43; 1 Ts 5.2,4; Ap 3.3; 16.15). Quando isso ocorrer, **os céus passarão com grande estrondo** (“desaparecerão com um som impetuoso”, NEB), e **os elementos** (as partículas elementares usadas na

construção do universo)³⁴, **ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão**. Qualquer que seja o mistério em relação ao quando e como, “todas essas coisas hão de ser [...] desfeitas” (v. 11, ARA), a certeza permanece: **o Dia do Senhor virá** (10).

C. As Exigências da Vinda do Senhor, 3.11-13

Como ocorre em todas as partes das Escrituras, o objetivo de Pedro é fazer mais do que informar a mente ou satisfazer a curiosidade humana; ele busca estimular o esforço ético, inculcar as reações altamente morais à fé — ação em termos de amor obediente. Por isso Pedro diz: **Havendo, pois, de perecer todas estas coisas** (*luomenon*, particípio presente passivo, mas usado para descrever algo no futuro),³⁵ **que pessoas** (que tipo de homens) **vos convém ser em santo trato** (maneira de viver) **e piedade?** Aqui está mais uma ilustração da íntima ligação entre a crença na vinda do Senhor e o chamado para a santidade. Qualquer coisa que não seja santidade de coração e vida é inadequado na preparação para a **vinda do Dia de Deus** (12).

Intimamente ligado com o tipo de pessoas que devemos ser, está a perspectiva que devemos ter. **Aguardando e apressando-vos** (correndo em direção à) **para a vinda do Dia de Deus**. Claramente, os cristãos podem apressar o Dia de Deus ao ajudar a cumprir essas condições, sem as quais esse dia não poderá vir — pregando o evangelho ao mundo inteiro (Mt 24.14) e convocando as pessoas a se arrepender e se converter (At 3.19). Esse labor diligente ajuda os cristãos a aguardar (esperar) pelos **novos céus e nova terra** (13). Nosso labor também é estimulado na promessa que devemos crer — a promessa de um mundo **em que habita a justiça**. Quaisquer que sejam as perplexidades no presente, o futuro “tem o seu lar” na justiça (Is 65.17ss; 66.22; Ap 21.1). Crer nisso torna mais fácil suportar as aflições da injustiça agora. Assim, como Strachan ressalta: “a *parousia* é o julgamento para o ímpio e o triunfo para o Reino”.³⁶

Essas palavras foram escritas por Pedro muito antes da era atômica, mas essa descrição de um “grande estrondo”, de “elementos” ardendo etc., se encaixa de maneira notável no vocabulário atômico. E impossível dizer se Deus vai usar a destruição atômica para acabar com a ordem presente das coisas. Alguns acreditam que isso irá acontecer.³⁷ Em todo caso, está claro que há uma determinação divina para acabar com a ordem pecaminosa na terra por meio de um batismo ardente e purificador e prepará-la somente para a justiça.³⁸ A nova criatura em Cristo, conforme descrita por Paulo (2 Co 5.17), é uma garantia dos céus e da terra completamente novas, de acordo com Pedro.

D. A Diligência Necessária para a Vinda do Senhor, 3.14-16

Em uma maneira similar à sua admoestação prévia (v. 11), depois de mais uma ênfase na natureza apocalíptica do “Dia de Deus” (v. 12), Pedro repete a ênfase da necessidade da santidade pessoal. **Procurai** (Façam o seu melhor”, NEB) **que dele sejais achados [...] em paz** (14), para que **“O encontrem sem pavor, estando borrifados com seu sangue e santificados pelo seu Espírito”**.³⁹ Isto significa que devemos estar **imaculados**, sem mácula moral ou espiritual (Ef 5.27; Tg 3.6; Jd 23) e **irrepreensíveis**, em sinceridade, sem mancha ou defeito.⁴⁰ O versículo 5a tem sido interpretado da seguinte forma: “E lembrem-se por que Ele está esperando. Ele nos está dando tempo para anunciar a sua mensagem de salvação aos outros” (Bíblia Viva).

Esse chamado descritivo para a pureza pessoal é seguido de um apelo para o estudo das cartas do **nosso amado irmão Paulo (15)** além das **outras Escrituras (16)**. Obviamente, Pedro estava familiarizado com esses escritos e referia-se a eles como *tas loipas graphas*, “o restante das Escrituras”.⁴¹ O fato de que alguns as tenham torcido **para sua própria perdição** não significava que deveriam ser evitadas. Em vez disso, queria dizer que deveriam ser estudadas e aplicadas com maior cuidado e precisão. É impossível determinar o número de epístolas paulinas a que Pedro se refere aqui, mas Robertson acredita que Pedro deve ter lido todas elas um ou dois meses após a sua composição.⁴² De qualquer forma, Pedro insiste que quanto à questão do retorno de Cristo ele e Paulo estão de acordo.

Ao falar dos **indoutos e inconstantes**, que torcem as Escrituras para sua própria ruína, Strachan aponta que a palavra **indoutos** (*amatheis*) “não significa tanto ‘indouto’, mas ‘mal educado’; uma mente não instruída e indisciplinada em hábitos de pensamento, carecendo de qualidades morais para um julgamento equilibrado”.⁴³ A segunda palavra, **inconstantes** (*astarikoi*), “refere-se mais à conduta, aqueles cujos hábitos não são plenamente treinados e estabelecidos”.⁴⁴ A razão óbvia e básica para se “traçar um sulco reto” na Palavra de Deus (2 Tm 2.15, NEB) é assegurar uma experiência cristã sadia. Isso deve ser seguido de uma pesquisa diligente e prolongada pela verdade unida com uma vida de devoção consciente e do comportamento ético.

E. Resumo Final e Exortação, 3.17,18

Os dois últimos versículos contêm a essência e tema da epístola: 1) **Guardai-vos** (Vigiem) “para que não sejam levados pelo erro” (v. 17, NVI); 2) **Antes, cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo** (18). Um perigo constante tem sido notado; **Guardai-vos!** Um chamado para o progresso na fé ecoa. **Crescei!** Falsos mestres e seus ensinamentos estão em antagonismo com a Igreja. A resposta a essa ameaça é avançar na **graça e conhecimento** de Cristo. Estar ocupado com o crescimento nos ajudará a não sermos vencidos. Testemunhar do *poder* (1.16) do nosso Senhor Jesus Cristo dará a Ele **glória [...] agora**; crer na *vinda* (1.16) do nosso Senhor nos capacitará a dar a Ele **glória [...] no dia da eternidade. Amém!**

Notas

¹ *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1942), p. 288.

² Veja uma discussão mais detalhada desse assunto em M. C. Tenney, *New Testament Survey* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1961), pp. 36ss; S. A. Cartledge, *A Conservative Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1941), p. 175; E. F. Harrison, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 481; A. E. Barnett, *The New Testament, Its Making and Meaning* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1946), p. 271.

³ *Op. cit.*, p. 368; também cf. Cartledge, *op. cit.*, pp. 174-5; Harrison, *op. cit.*, p. 401; Thiessen, *op.*

cit., p. 291; A. T. Robertson, *Word Pictures on the New Testament* (Nova York: Harper and Brothers, 1933), vol. VI, p. 144.

⁴ J. A. Huffman, *Golden Treasures from the Greek New Testament* (Winona Lake: Standard Press, 1951), p. 106.

⁵ Gerhard Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament*, trad. G. F. Bromiley (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), vol. II, 261-80.

⁶ G. C. Morgan, *Peter and the Church* (Nova York: Fleming H. Revell Co, 1938), pp. lss.

⁷ A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 147.

⁸ J. H. Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova York: American Book Company 1889), p. 237.

⁹ *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: The Epworth Press, reedição em 1958), p. 890.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Thayer, *op. cit.*, pp. 158-60.

¹² **Op. cit.**, *ad loc.*

¹³ Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament* (Nova York: Charles Scribner's Sons: 1908), vol. I, p. 679.

¹⁴ R. H. Strachan, "Second Epistle General of Peter", *The Expositor's Greek Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., sem data), vol. V, p. 126.

¹⁵ *Biblical-Theological Lexicon of New Testament Greek* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1896), p. 524.

¹⁶ W. F. Arndt and F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Chicago: The University of Chicago Press, 1952), p. 866.

¹⁷ Strachan, *op. cit.*, p. 127.

- ¹⁸ *Op. cit.*, p. 891.
- ¹⁹ G. C. Morgan, *The Analyzed Bible* (Nova York: Fleming H. Revell Co., 1908), p. 291.
- ²⁰ Vincent, *op. cit.*, p. 685.
- ²¹ *Ibid*, p. 687; Robertson, *op. cit.*, p. 157.
- ²² *Op. cit.*, p. 131.
- ²³ Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, sem data), vol. II, p. 883.
- ²⁴ *Op. cit.*, pp. 158-9.
- ²⁵ E. E. Cochrane, *The Epistles of Peter*, (Grand Rapids: Baker Book House, 1965), p. 87.
- ²⁶ Arndt and Gingrich, *op. cit.*, pp. 862-3. Cf. Cremer, *op. cit.*, p. 688; Thayer, *op. cit.*, pp. 650-1.
- ²⁷ Uma discussão útil dessa passagem é apresentada por Carl F. H. Henry em um artigo denominado “Inspiração” em *Baker’s Bible Dictionary*, pp. 286-289.
- ²⁸ Robertson, *op. cit.*, p. 160.
- ²⁹ *Op. cit.*, p. 689.
- ³⁰ *Tartarus* era o nome grego para o lugar subterrâneo, inferior ao Hades, onde os ímpios mortos eram castigados.
- ³¹ Strachan, *op. cit.*, p. 140.
- ³² Arndt and Gingrich, *op. cit.*, p. 255.
- ³³ Vincent, *op. cit.*, p. 705.
- ³⁴ Wilbur M. Smith, *The Atomic Age and the Word of God* (Boston: W. A. Wilde Co., 1948), p. 131.
- ³⁵ Strachan, *op. cit.*, p. 145.
- ³⁶ *Ibid*, p. 146.

³⁷ Wilbur M. Smith, *op. cit.*, *passim*.

³⁸ Huffman, *op. cit.*, p. 148.

³⁹ Wesley, *op. cit.*, p. 899.

⁴⁰ George A. Turner, *The Vision Which Transforms* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1965), p. 134; também cf. Thayer, *op. cit.*, pp. 31-2.

⁴¹ Strachan, *op. cit.*, p. 147.

⁴² *Op. cit.*, pp. 178-9.

⁴³ *Op. cit.*, pp. 147.

⁴⁴ *Ibid.*

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Clarke, Adam. *The New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ*, vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.

Cochrane, E. E. *The Epistle of Peter*. Grand Rapids: Baker Book House, 1965.

Strachan, R. H. "The Second Epistle General of Peter", *The Expositor's Greek Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s. d.

Wesley, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1958 (reed.).

II. OUTROS LIVROS

Arndt, W. F. and Gingrich, F. W. A *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. (Chicago: University of Chicago Press, 1952).

Barnett, A. E. *The New Testament, Its Making and Meaning*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1946.

Cartledge, S. A. *A Conservative Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1941.

- Cremer, H. *Biblico-Theological Lexicon of the New Testament*. Edinburgo: T. and T. Clark, 1896.
- Harrison, E. F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- Huffman, J. A. *Golden Treasures from the Greek New Testament*. Winona Lake: Standard Press, 1951.
- Kittle, G. *Theological Dictionary of the New Testament*. Trad. G. W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1964.
- Morgan, G. C. *The Analyzed Bible*. Nova York: Fleming H. Revell Co., 1908.
- _. *Peter and the Church*. Nova York: Fleming H. Revell Co., 1938.
- Robertson, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, vol. VI. Nova York: Harper and Brothers, 1933.
- Smith, W. M. *This Atomic Age and the Word of God*. Boston: W. A. Wilde Co., 1948.
- Tenney, M. C. *New Testament Survey*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.
- Thayer, J. H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Nova York: American Book Co., 1889.
- Thiessen, H. C. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1942.
- Ttjrner, George Allen. *The Vision Which Transforms*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1965.
- Vincent, M. R. *Word Studies in the New Testament*, Vol. I. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1908.

III. ARTIGOS

- Harrison, E. F. "Apostle", *Baker's Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960, pp. 57-9.
- Henry, Carl F. H. "Inspiration", *Baker's Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960. pp. 286-9.



10

Hébreus a Apocalipse

Richard S. Inge, A. F. Harper, Roy S. Nicholson, Eldon L. Fuhrman, Harvey J. S. Blane, Delbert H. Rose, Ralph Earle

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

